

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Bieging

Raul Inácio Busarello

ISBN 978-85-7221-552-7

2026

*Beatriz Sônego Zanette
Daniela Patricio Candeo
Maria Cleusa Freitas Sérgio*

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA:

“ESCRITORES DA LIBERDADE”

RESUMO

O filme *Escritores da Liberdade* servirá como ponto de partida para reflexões sobre o ofício de professor e a arte de ser e habitar o mundo, temas de uma disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense. O artigo se fundamenta em três cenas do filme, analisadas à luz das leituras de Paulo Freire, Jorge Larrosa, José Carlos Libâneo, Gladir da Silva Cabral e Carlos Renato Carola, entre outros estudiosos. No decorrer da obra, a professora se apresenta aos alunos, que se mostram rebeldes, desmotivados e divididos em grupos étnicos. Esse comportamento demonstra desrespeito à professora no ambiente escolar. Diante do uso inicial de métodos tradicionais em sala de aula, ela percebe a necessidade de mudar suas estratégias de ensino. Passa, então, a adotar novas estratégias pedagógicas para se aproximar dos alunos, por meio de músicas, diálogo, jogos e leitura de obras significativas. Assim, dedica-se especial atenção ao professor, à construção da identidade e aos principais elementos discutidos nas leituras realizadas.

Palavras-chave: Escritores da liberdade; transformação social; pedagogia da autonomia.

Este ensaio é um convite à reflexão sobre o ofício de professor e a arte de ser e habitar o mundo, temas da disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). O filme *Escritores da Liberdade* servirá de base para a apresentação de três cenas, analisadas à luz das leituras de Paulo Freire, Jorge Larrosa, José Carlos Libâneo, Gladir da Silva Cabral e Carlos Renato Carola. Daremos especial atenção aos temas tratados na disciplina: ofício de professor, construção da identidade, transformação social e educação, elementos centrais de nossas leituras e discussões.

O filme *Escritores da Liberdade* (2007), dirigido por Richard LaGravenese, retrata a iniciação profissional de uma professora recém-formada que vai trabalhar em uma escola pública localizada no subúrbio dos Estados Unidos, na década de 1990. Seus estudantes frequentam o ensino médio e integram a turma considerada “a pior da escola”. Baseado em uma história real, o filme narra dificuldades, erros e acertos vivenciados dentro e fora dos muros escolares e termina com uma experiência promissora que permitiu a transformação da realidade do grupo envolvido no projeto.

A classe é composta por adolescentes de diferentes minorias, marcados pela pobreza, pela segregação racial e pelo envolvimento com gangues. Os jovens são incluídos no sistema escolar por meio de programas de integração social e, cotidianamente, experienciam desconfiança, hostilidade e abandono intelectual. Nessas circunstâncias, não conseguem acreditar que a escola possa ser um local seguro ou mesmo útil para sua vida e visualizam um cenário desfavorável para o futuro.

Os Estados Unidos, nesse momento histórico, vivem um período marcado por grandes tensões raciais e sociais. A violência entre gangues e o racismo institucionalizado potencializam as desigualdades econômicas e os conflitos, provocando o aumento da insegurança e do medo entre as pessoas, especialmente nos bairros

mais pobres. A escola espelha esses conflitos e reproduz as divisões existentes na sociedade.

Com as intervenções propostas pela professora Erin, observam-se mudanças significativas no panorama escolar. Elas refletem os princípios fundamentais de uma educação libertadora, centrada na autonomia, no diálogo e na construção significativa da aprendizagem.

Primeira cena: no início do filme, Margaret Campbell, diretora da escola, é uma senhora de meia-idade, de cabelos claros e visivelmente bem cuidados, que, com uma prancheta nas mãos, expressão sisuda e postura ereta, cataloga os livros da biblioteca. O espaço é bem iluminado, e veem-se, ao fundo, janelas com persianas cinzas. As prateleiras que armazenam os livros são de metal e apresentam pichações. No corredor ao lado, a professora Erin Gruwell, jovem recém-formada, de cabelos castanhos soltos à altura dos ombros e iniciante no mundo do trabalho, escolhe livros de literatura para seus alunos.

Sorridente, a professora Erin sugere em voz alta um livro e o mostra a Margaret, que, alheia em seus afazeres, responde: "Ah, eles não vão conseguir ler". Enquanto o sorriso de Erin se dissipa e seu olhar foge ao confronto, a professora diz: "Vamos tentar; os livros estão parados aqui", e mostra um exemplar em que se lê "ANNE FRANK". A diretora olha diretamente para a professora e, com o mesmo tom de voz, retruca: "Veja as notas de leitura deles. Se der esses livros, eles não vão devolver e, se devolverem, estarão estragados". A professora desvia o olhar e se move em direção a Margaret: "E esse aqui, Romeu e Julieta? É uma ótima história de gangues". Margaret responde: "Não, esses livros não. Isto é o que damos a eles": mostra uma versão condensada de Romeu e Julieta, com aparência deteriorada e parte da capa ausente, e continua: "Mas mesmo estes, veja como estão malcuidados; eles

desenham neles". Ela balança a cabeça em sinal de desaprovação e devolve o livro à prateleira. Erin afirma: "Eles sabem que recebem estes porque ninguém acredita na inteligência deles". A diretora responde: "Não tenho orçamento para comprar livros novos a cada semestre; eles nunca os devolvem". Erin pergunta: "O que faço? Compro eu mesma?" Margaret encerra: "Você é quem sabe, mas vai jogar seu dinheiro fora".

Nesse momento, a diretora fica de costas. Percebe-se que ela está sobre um degrau de uma pequena escada e segue com seu trabalho na prateleira à frente. As expressões faciais de Erin evidenciam descontentamento com a situação.

— Há mais alguém aqui com quem eu possa conversar sobre isso?

A diretora olha diretamente para Erin e, com as sobrancelhas cerradas, pergunta: "Como é que é?" Erin responde: "Desculpe, mas não entendo. O Conselho Educacional de Long Beach concorda que esses livros fiquem aqui largados, sem uso?" Margaret explica: "Chama-se instrução localizada. Significa que o diretor e eu temos autoridade para tomar esse tipo de decisão sem consultar o conselho, que tem problemas maiores para resolver. Entende agora como funciona?" Erin afirma: "Desculpe, não quis passar por cima de sua autoridade; eu nunca faria isso. É que não sei como fazê-los se interessarem pela leitura sem esses livros". A diretora responde: "Você não pode fazer alguém querer uma educação. O que pode fazer é tentar que eles aprendam a obedecer e a ter disciplina. Esta é uma realização enorme para eles". A diretora deixa a professora sozinha na biblioteca; ao fundo, ouve-se o som dos saltos altos ecoando e se afastando lentamente.

A cena descrita descortina a visão depreciativa que a direção da escola possui a respeito dos estudantes, a qual se reflete

diretamente nas ações da equipe diretiva em relação a eles. A postura adotada na cena distancia-se das práticas pedagógicas que promovem o pensamento crítico e reflexivo, a autonomia e a participação ativa dos estudantes.

Para Vygotsky (1896-1934), no processo de ensino-aprendizagem, o professor deve atuar como facilitador, incentivador e mediador da aprendizagem dos estudantes, atento ao nível de desenvolvimento para conduzir adequadamente o processo. Desse modo, Vygotsky afirma que a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é potencializada por meio da interação social do aprendiz com outras crianças mais experientes. Nessa etapa, o professor deve reconhecer a zona de desenvolvimento proximal e estimular o desenvolvimento cooperativo e colaborativo, proporcionando uma aprendizagem capaz de conduzir a criança de sua Zona de Desenvolvimento Proximal ao Nível de Desenvolvimento Real (Vygotsky *et al.*, 1988).

Paulo Freire (1996b) entende a educação como uma ferramenta de transformação social emancipatória, cujo objetivo é promover a conscientização dos estudantes, libertando-os da condição de opressão e conformismo e levando-os a assumir uma postura questionadora que vise alterar as estruturas de poder responsáveis pelas disparidades enraizadas nas instituições, na cultura e na base econômica da sociedade.

Essa prática objetiva desenvolver o pensamento crítico, a capacidade de análise e a participação cidadã, promovendo uma educação inclusiva, democrática e comprometida com a transformação social. O professor não é um mero transmissor de conhecimento; deve fazer uso de metodologias que favoreçam a investigação, a colaboração, a resolução de problemas e a contextualização dos conteúdos, respeitando as diferenças e as necessidades de aprendizagem de cada estudante.

Com base nessas premissas, a professora Erin planejou uma proposta pedagógica que envolveu os estudantes em uma relação profunda com sua cultura e seus saberes individuais. Ao propor a construção de diários e a leitura do livro *O diário de Anne Frank*, os estudantes percebem que existem jornadas intensas, marcadas por ciclos de provas, e que, mesmo diante das adversidades, podemos transformar os problemas em histórias de superação.

[...] a educação é um fenômeno social. Isso significa que ela é parte integrante das relações sociais, econômicas, políticas e culturais de uma determinada sociedade (Libâneo, 2013, p. 17).

Ao entender que a escola precisa ser um espaço planejado de mediação para o encontro entre os diferentes e a produção de novos saberes, Larrosa e Rechia (2018) relatam que a escola não se resume a repassar ou acumular informações produzidas pela humanidade. Seu papel essencial é despertar a atenção e o encantamento do estudante para além da lógica produtiva e técnica, distanciando-se do cotidiano utilitário para contemplar e cuidar do mundo que nos cerca.

Queremos o saber e o sabor das coisas, silêncio atento e a palavra que corta o silêncio; queremos e precisamos ter relações mais afetivas, mais comprometidas com o bem viver (Cabral; Carola, 2025, p. 3).

Essa conscientização coletiva sobre a relação entre o ser humano e a natureza contribui para o desenvolvimento de valores voltados à preservação da natureza e para a construção de uma sociedade sustentável, promovendo o uso responsável dos recursos naturais, o respeito à biodiversidade e o compromisso coletivo com a proteção do meio ambiente para as presentes e futuras gerações.

"O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando" (Freire, 1996b, p. 78).

Segunda cena: a professora organiza uma surpresa na sala enquanto os alunos aguardam no corredor. Ao abrir a porta, a senhora G recebe os alunos com um sorriso acolhedor e pergunta: “Tudo bem, pessoal? Prontos?” Os estudantes respondem: “Oi! Oi, senhora G!” Ao fundo da sala, vê-se um cartaz que ocupa boa parte da parede, com os dizeres: “UM BRINDE À MUDANÇA!” Uma mesa grande está disposta logo abaixo do cartaz, com taças, espumante sem álcool e bolsas novas, aparentemente de livraria. Os alunos entram aos poucos e, sem entender a situação, ficam parados, observando. A senhora G inicia: “Eis o que quero que façam: quero que cada um de vocês venha até aqui e pegue uma destas bolsas, que contém quatro livros que vamos ler durante este semestre”. Os alunos emitem sons de alegria e sorriem. “São livros muito especiais; eles me lembram, de alguma forma, cada um de vocês”. O grupo demonstra alegria. “Mas, antes que peguem os livros, quero que peguem uma destas taças de espumante. Todos vamos fazer um brinde à mudança. Isso significa que, a partir deste momento, todas as vozes que disseram que vocês não podem serão silenciadas; todos os motivos que dizem que as coisas não vão mudar desaparecerão; e a pessoa que vocês eram antes deste momento chegou ao fim. Agora é a vez de vocês. Está bem? É isso aí. Estão prontos para arrasar?”

Como professores, temos de incentivar os alunos a buscarem sua própria autonomia dentro e fora da escola. A melhor maneira de fazer isso é proporcionar conhecimentos por meio de vivências diversas, como livros, filmes, vídeos, pesquisas, curtas-metragens, trabalhos em grupo e seminários, com o propósito de ampliar concepções e desenvolver a autonomia, a criticidade e a expressão de ideias e opiniões.

Conforme Paulo Freire (1996a), ensinar nunca significou somente transmitir conhecimentos finalizados, mas elaborar

condições para que os alunos construam o próprio conhecimento por meio do questionamento, da troca de conhecimentos, da pesquisa e da participação ativa. Desse modo, o discente torna-se protagonista de sua aprendizagem e desenvolve a capacidade de questionar, pensar, tomar decisões e contribuir conscientemente para a sociedade, em vez de ser mero receptor passivo de informações.

Além disso, o professor precisa acreditar no potencial de cada aluno para que ele perceba que é capaz de alcançar objetivos, sonhos e propósitos e de superar dificuldades e desafios sem medo ou insegurança. Foi isso que a professora Erin fez com os alunos: acreditou na capacidade deles e realizou um trabalho significativo para que enxergassem boas oportunidades e mudassem sua forma de ver o mundo por meio da educação. Mesmo diante da resistência da equipe pedagógica às suas iniciativas, mostrou independência e profissionalismo e, com esforço diário, promoveu uma transformação na realidade do grupo de estudantes.

Segundo o pensamento de Paulo Freire (1996a), a educação não transforma o mundo diretamente, mas transforma as pessoas, que, por sua vez, transformam a realidade social. Assim, podemos afirmar que a educação e a literatura salvam vidas; basta dar uma chance a elas.

Os educadores precisam compreender que as mudanças no processo de ensino e aprendizagem ocorrem de forma gradual e contínua, exigindo dedicação, foco e persistência por parte de todos os envolvidos. Além disso, a consolidação de práticas pedagógicas eficazes depende do fortalecimento de uma relação colaborativa entre professores, equipe pedagógica e família. Essa parceria favorece a construção de um ambiente educativo mais participativo, contribuindo significativamente para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a melhoria da qualidade da educação.

Entretanto, os educadores devem lembrar-se de que cada discente possui sua própria história de vida, bagagem, experiências e conhecimentos de mundo, além de uma maneira particular de entender e aprender e de um ritmo próprio de aprendizagem.

Portanto, o processo de aprendizagem do estudante não pode ser apressado, pois cada um tem seu próprio tempo para aprender. Nessa perspectiva, Cabral e Carola (2025) defendem que o maior desafio do professor é conseguir manter os alunos atentos e de olhos bem abertos, para que enxerguem profundamente a realidade. O docente artesão consegue perceber, no que já existe, a possibilidade de transformação, porém sem antecipar resultados, apressar processos ou impor condições.

A partir disso, podemos afirmar que o professor assume o papel de mediador do processo educativo, incentivando a criatividade, a curiosidade, a imaginação, o senso crítico e o diálogo, sempre respeitando as singularidades, os saberes e a cultura de cada um, para que o aluno se reconheça como protagonista do processo de aprendizagem e perceba as novas aprendizagens possíveis no ambiente escolar. Com base nessa perspectiva, Freire (1996a) evidencia que o docente precisa trabalhar com sensibilidade, coerência, humildade e disposição para aprender junto aos alunos, compreendendo que a aprendizagem é uma construção coletiva.

Ao relacionar o conceito de pedagogia da autonomia ao filme *Escritores da Liberdade*, compreendemos que a prática e a metodologia da professora Erin vão além de repassar conteúdos; elas se fundamentam em uma educação que valoriza os alunos e os reconhece como sujeitos ativos do processo de aprendizagem. Em vez de considerar os alunos apenas receptores de informações, ela adota uma metodologia e uma didática que lhes permitem expressar sentimentos, questionar a própria realidade, dispor-se a novas experiências, aprender criticamente e visualizar seu potencial de transformação. Dessa forma, a autonomia se constrói por meio da

escuta, do diálogo, do respeito às diferenças e do reconhecimento das singularidades de cada discente.

Percebemos que, ao longo do filme, a professora começa a compreender que a aprendizagem só ocorre quando o estudante encontra sentido no conhecimento. Ao propor atividades como a leitura de obras literárias, a escrita de diários e a realização de debates, ela estimula os alunos a questionarem suas experiências, adotarem um posicionamento crítico diante de situações de preconceito, discriminação, violência e exclusão social e perceberem que são capazes de construir novos objetivos de vida. Essas práticas evidenciam que a autonomia não significa apenas independência, mas também inclui questões essenciais, como a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a transformação da própria história de vida.

Desse modo, o enredo mostra que a pedagogia da autonomia se efetiva quando a professora começa a atuar como mediadora, acreditando na competência dos alunos e criando oportunidades para que eles confiem em si mesmos, assumam responsabilidades e se tornem protagonistas de sua aprendizagem. Foi assim que a transformação passou a fazer parte da vida dos estudantes: por meio da construção do diálogo, do acolhimento e do respeito, eles compreenderam seu lugar na sociedade, suas particularidades e sua voz, além de perceberem que a educação pode ser uma ferramenta de emancipação pessoal e social.

Terceira cena: o grupo está agitado, fazendo cartazes e organizando o espaço da biblioteca para receber uma convidada muito importante, enquanto a professora Erin passa sorridente, com um vaso de flores.

O narrador descreve a cena: "A senhora G mandou as cartas para Amsterdã, para a senhora Miep Gies em pessoa. Quando a senhora G decide fazer alguma coisa, ninguém a segura, irmão". Ao som de música, a porta se abre, e vê-se a silhueta

de uma senhora de idade avançada entrando na sala, acompanhada de uma mulher adulta que a apoia pelos braços.

O narrador prossegue: “Depois que conseguimos o dinheiro para trazê-la a Long Beach, lá estava ela. Mas, falando sério, eu não esperava que fosse tão pequena”. Os alunos levantam-se para recebê-la. Marcus caminha em direção à porta e apoia a senhora Miep Gies pelos braços até sua poltrona. No caminho, ela comenta: “Olhe os alunos; são tão jovens”.

A professora e a senhora Miep Gies trocam olhares e sorriem. Sentada em sua poltrona, Miep Gies começa a falar: “O preço de um judeu valia US\$ 2. Uma pessoa desesperada por dinheiro contou à Gestapo. Em 4 de agosto, eles invadiram meu escritório, e um homem apontou uma arma para mim e disse: ‘Não diga nada, nenhuma palavra’. Então, eles subiram para o sótão. Senti-me tão impotente; pude ouvir Anne gritando e objetos sendo atirados. Então, corri para casa”.

A diretora Margaret entra na sala em silêncio. Miep Gies prossegue: “Procurei um brinco, quinquilharias, qualquer coisa que pudesse usar para suborná-los. Voltei com todos aqueles objetos, e o soldado, então, sacou a arma e a encostou na minha cabeça” [representa a cena com as mãos]. “[Pausa] Eu poderia levar um tiro por esconder um judeu ou ir para um campo. Então, outro soldado reconheceu meu sotaque; ele era austríaco, como eu, mas eu havia sido adotada por uma família holandesa. Ele disse ao soldado armado que me deixasse ir. Não há um dia em que eu não me lembre de 4 de agosto e pense em Anne Frank”.

O aluno Marcus levanta a mão para pedir a palavra, e Miep Gies lhe concede a fala. Em frente à turma, ele relata: “Eu nunca tinha conhecido um herói. A senhora é minha heroína”. Carinhosamente, segurando-lhe as mãos, Miep Gies balança

a cabeça e diz: “Não, não, meu jovem. Não sou uma heroína. Fiz o que tinha de fazer, porque era a coisa certa. Foi só isso. Somos todos pessoas comuns, mas mesmo uma simples secretária, uma dona de casa ou um adolescente podem, ainda que com pequenas atitudes, acender uma luzinha em uma sala escura, não é?” Os alunos, pensativos, baixam a cabeça, como se concordassem com a fala.

Miep Gies continua: “Li suas cartas, e sua professora me contou muitas coisas sobre suas experiências. Vocês são os heróis; são heróis todos os dias”. A diretora Margaret baixa a cabeça, como se a frase a fizesse refletir. Miep conclui: “Seus rostos estão gravados em meu coração”.

[Silêncio na sala; esboços de sorriso em sinal de concordância.]

A socialização das experiências vivenciadas constitui elemento fundamental do processo de aprendizagem ao possibilitar o reconhecimento do outro como sujeito dotado de autonomia, consciência, singularidades, desejos, vivências e história. Esse processo favorece o desenvolvimento do respeito à diversidade humana, fortalece as relações interpessoais e contribui para a valorização da autonomia e da dignidade de cada indivíduo.

A consciência crítica é indispensável para desenvolver a capacidade de entender e analisar a realidade de forma reflexiva, questionando informações, valores e situações em vez de aceitá-los passivamente. Desse modo, desenvolver a consciência crítica é fundamental para o aprimoramento da autonomia e para a compreensão e a transformação da própria realidade.

Aprender a pensar e aprender a escrever como experiências radicais de transformação da vida pessoal e coletiva. Pensar e escrever não são um conjunto de técnicas e de procedimentos que podem ser mais bem ou mais mal executados. Pensar é voltar a pensar, e escrever é se transformar (Larrosa; Rechia, 2018, p. 13-14).

Compreender a própria realidade significa reconhecer os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que influenciam a vida cotidiana. Ao refletir sobre esses aspectos, o indivíduo deixa de ser apenas um observador passivo e passa a entender seu papel na construção da sociedade.

Pessoas que cultivam o pensamento crítico tendem a participar com mais dinamismo e engajamento na vida social. Ao buscarem assegurar seus direitos, passam a conhecer e a valorizar a diversidade, além de atuar na promoção de transformações que beneficiem a justiça social e a equidade. Nesse cenário, a educação assume papel fundamental, por fomentar o diálogo, a reflexão e a formação de cidadãos capazes de agir com autonomia, avaliar a realidade de modo crítico e colaborar na edificação de uma sociedade mais justa e democrática.

A relação entre *Escritores da Liberdade* e as contribuições de Freire, Larrosa e Libâneo evidencia que a educação autêntica vai além da simples transmissão de conteúdo. Ela se constitui como prática ética, política e transformadora. O filme demonstra que, quando o professor desenvolve uma escuta sensível, valoriza as experiências dos estudantes e articula os objetivos escolares ao contexto sociocultural em que eles estão inseridos, cria-se a oportunidade de uma educação emancipadora, na qual educar passa a ser um processo coletivo de construção de sentidos, autonomia e liberdade. Os processos de aprendizagem precisam oferecer aos sujeitos uma ampla diversidade de vivências e atividades ao longo de todo o percurso formativo, visto que a realização de uma única atividade não promove o desenvolvimento de todas as capacidades humanas. Assim, é importante que a escola promova atividades relacionadas a diferentes áreas do conhecimento, bem como aos valores éticos, estéticos e políticos.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Gladir da Silva; CAROLA, Carlos Renato. O mestre artesão da arte do ensinar e aprender. **Revista Cocar**, Belém, v. 23, n. 41, p. 1-16, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/10213/4806>. Acesso em: 1 set. 2026.

ESCRITORES DA LIBERDADE. Direção: Richard LaGravenese. Produção: Danny DeVito; Michael Shamberg; Stacey Sher. Estados Unidos: Jersey Films; Double Feature Films, 2007. 1 filme (123 min), son., color.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996b.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EPU, 1988.

Beatriz Sônego Zanette

Aluna de Disciplina Isolada do Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Pedagogia, pela UNESC. Pós-graduada em Educação Inclusiva pela Universidade Cruzeiro do Sul. E pós-graduada em Interpretação e Tradução em Libras pela Universidade Uníntese.

Daniela Patricio Candeo

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Graduada em Psicologia (UNISUL) e Pedagogia, com habilitação em Educação Especial (UNESC). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Orientação, Gestão e Supervisão Escolar.

Maria Cleusa Freitas Sérgio

Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Cursa disciplina isolada no doutorado em Educação. Assistente técnico-pedagógica na SED.

E-mail: cleusasergio@hotmail.com.